

A CHOLDRA

ÁS ARMAS!

Preparemo-nos para a defeza

Unamo-nos e organizemo-nos, sem preocupações partidarias e ideologicas, contra a ditadura que se prepara

De norte a sul do país respira-se a atmosfera pesada, densa e precursora de graves acontecimentos para a Nação e para a Republica. O republicano que o seja de alma e coração adivinha e sen'e que alguma cousa se prepara semelhante a uma traição.

Insensivelmente, republicanos procuram republicanos, falam, trocam impressões, cochicham e sopram-se aos ouvidos boatos, frases e pedaços da verdade.

Na penumbra, surge a realidade e ela é tão tremendamente grave, tão fatalmente poderosa que nos impõe o dever de gritar o nosso brado de aviso, o nosso grito de alarme e de apelo *para a defesa*.

A Republica está sob a ameaça de uma *riverada*, sob o peso de uma poderosa organização militar prestes a eclodir revolucionariamente, talvez dentro de poucas horas. O que se faz para lhe resistir? O que possuem os amigos da Liberdade para contra ela lutar?

Pouco? muito? Pouco ou muito, ha que unir esforços, ha que congregar todos os elementos das esquerdas para que, ao brado de revolta surgido das direitas, corresponda um largo movimento de resistencia da nossa banda.

Se assim se não fizer, alguns anos teremos que sofrer o peso de uma ditadura... e de uma ditadura que se anuncia violenta, feroz e sanguinaria!

Já ha alguns meses que, inteligente e lentamente mas com segurança, determinados elementos, de cujos nomes a *policia tem conhecimento*, andam organizando um vasto e poderoso movimento militar.

Ha guarnições inteiras nele comprometidas!

Pelos quartéis - sabemos-lo nós, porque não o saberá o governo!?! - corre já ha alguns meses um papel com um compromisso de adesão que conta centenas de assinaturas.

Dentro de alguns dias, algumas horas, talvez de um extremo ao outro de Portugal sairá das casernas, acompanhado do tinir forte das espadas e do *tac seco* do carregar das armas, a imposição de *um governo militar!*

Podíamos citar os nomes dos chefes desse movimento. Deixamos á policia o trabalho de providenciar (?)

Entretanto, enquanto *os recrutados espathados pelo país não estão prontos*, vai-se procurando criar a necessaria atmosfera e, para tal, fazem-se conferencias como as da Sociedade de Geografia...

É porque inteligentemente trabalham e sabem imprescindivel um ambiente popular, organizam, á margem do movimento militar, *um outro* em que um dos chefes do primeiro misteriosamente surge procurando atraír a si elementos das esquerdas, com a promessa de fazer regressar os depo tados do *Pero d'Alemquer* e o acenar do farto baú do incompreendido legislador sr. Eugenio Dias Ferreira!

Estamos convencidos de que frustrados serão os intentos subtis dos riveristas portugueses. Certos estamos de que nenhum radical inteligente dará a cabeçada tremenda de colaborar com o elemento popular do seu partido na victoria dessa escrecencia da *militarada* arrastando os seus correligionarios para um tal e tão grave ataque à Republica e á Liberdade.

Mas se algum menos cauto nas malhas da rêde se encontra, daqui lhe dizemos que abra bem os olhos, se previna e acautele porque está trabalhando e vai lutar e sacrificar-se por uma causa que é contraria à sua!

A volta dos deportados do *Pero d'Alemquer*?

Otimo! Mas quem ha ai que duvide da honrada e natural revolta que seria a deles ao saberem que, para lhes dar liberdade, se punha em perigo a Republica e sufocava a Liberdade de milhões de cidadãos!?

A volta dos deportados do *Pero d'Alemquer*? Certo!

Mas qual o republicano das esquerdas que, conhecendo o ideal santo por que tão galhardamente lutaram esses homens no alto de Almada, duvide da sua revolta' logo após libertados, contra os proprios que, libertando-os embora, seriam a personificação viva da morte do Ideal porque se bateram!?

A volta dos deportados do *Pero d'Alemquer*, justa, necessaria, imperiosa e breve, exige a consciencia republicana mas a volta com honra, a volta com a Republica livre e não algemada á ordem de qualquer tarimbeiro audacioso ou tolo e megalomano *salvador*!

Não! Quem tem amor á liberdade; quem ama a Republica tem de se acautelar e bem para que, explorando esse amor, esse idealismo ardente, essa insaciada séde de justiça e verdade, não surja qualquer habil *vigarista* de revoluções a aproveitar-se para os seus intentos torvos e reacionarios.

O movimento militar está organizado em todo o país. Cidades ha de cujas guarnições poucos officiais não estão comprometidos. *Braga*, por exemplo, só possui *quatro* officiais livres de qualquer compromisso.

As *Juntas Militares ressurgiram* e, ontem como hoje, aprestam-se para estabelecer a *ponte de passagem* para a monarquia.

O governo d rme ou, o que é mais grave, sabe' e finge ignorar, sente-se fraco e *prepara-se para a vil entrega*.

Os republicanos murmuram apenas, discutem no café com gestos largos e largas frases mas... *não agem!*

Pois ha que agir e já, porque amanhã pode ser tarde!

*

Organize-se um *comité* secreto da defesa da liberdade, estabeleça-se ligação estreita para este *fim unico* entre as *celulas* comunistas, nucleos anarquistas, juventudes libertarias, sindicatos, centros republicanos e grupos de revolucionarios!

Que em cada regimento, ao nucleo de officiais conservadores corresponda um nucleo pequeno que seja, de officiais bem republicanos e um «comité» de sargentos ou cabos!

Que na Marinha, na gloriosa e tão republicana marinha de guerra portuguesa, o mesmo se faça!

Que em cada localidade, séde de regimento, se constitua um grupo civil de homens destemidos, cidadãos livres que livres queiram continuar!

A cada conferencia de propaganda conservadora corresponda-se com uma de defesa da liberdade!

A cada grito victoriando Mussolini ou Rivera deve o Povo responder com indignação e violencia contra os dictadores!

Se assim se fizer, sem mais ligações, sem mais ordens e demoras, cada um de nós que nas esquerdas milita, republicano, anarquista, comunista ou sindicalista, terá cumprido o seu dever.

Na hora em que, da caserna, sair o brado da *Reacção* responda-se-lhe *luctando*, pela greve, de armas na mão, levantando *rails*, cortando comunicações e estabelecendo a confusão!

O governo não actua. Actuemos nós, os pequenos, os humildes, a canalha, a ralé, a *choldra*!

Para nós, só haverá uma senha: *Liberdade e Republica!*

O nosso fim *unico* será o esmagar á nascença a ditadura que se aproxima, sabemos lá com que ditador gerado á sombra da criminosa, cobarde e torpe politica de suborno, fraquesa e traição que, coberto com o nome da Republica, tanto cretino, ambicioso e marombista governante vem fazendo dentro das fileiras do velho e glorioso Partido Republicano Portugues que foi o mais e denodado batalhador pela liberdade.

*

Por nós, cumprimos o nosso dever. Acautele-se quem mal acautelado andar. Organize a defesa quem se quizer defender sem preocupações partidarias e ideologicas.

O PACTO DE PARIS

A Republica nas garras da plutocracia

Uma torpissima combinação politica para salvar da falencia o Banco Ultramarino

Ha attitudes que repugnam á consciencia de todos os homens de bem e que é necessario castigar friamente, serenamente, mas implacavelmente tambem.

Nóstes quinze anos de Republica o nosso coração tem sangrado algumas vezes, trazendo em cada gota do seu sangue o fel das lagrimas mais amargas que os olhos já não se atrevem a chorar.

Vai longe o tempo dos doces e claros idealismos, em que tudo era beleza e graça, espiritualidade e amor. Desceu se demais e por vezes tão baixo que a alguns nem sequer os assusta o receio de se misturarem com a lama. Mas queiram ou não aqueles que, esquecidos do que devem a si proprios e ao regime, não hesitam em se perder, entregando-se nas mãos de vendilhões e de traidores, haverá sempre quem tenha a energia indispensavel para lançar-lhes em cara o seu desprezo, apontando as suas fraquezas ou os seus crimes.

Veem estas considerações a proposito de umas informações que nos chegam de boa fonte relativas a uma aliança estabelecida em Paris entre os srs. dr. Afonso Costa e Cunha Leal, com o proposito de salvar o Banco Ultramarino da derrocada que o ameaça. A ser verdadeiro o que nos dizem, representa esse conluio um tão negro proposito que decerto não haverá ninguem que contra ele não proteste, pois a ninguem mais será licito duvidar da entrega da Republica nas garras da plutocracia.

Esse acórdo foi estabelecido num opiparo almoço, em que tomaram parte os srs. dr. Afonso Costa, Cunha Leal e João Ulrich, assentando-se em que o governo do sr. Antonio Maria da Silva cederia o seu lugar a um ministerio nacionalista, da presidencia do sr. Leal, a quem será concedida a dissolução. Marcadas as novas eleições, o sr. dr. Afonso Costa virá reassumir a chefia do P. R. P., enquanto o sr. Cunha Leal irá preparando no poder a plataforma de salvação do Banco que lhe paga. Realizado o acto eleitoral,

o sr. dr. Afonso Costa será encarregado de organizar ministerio, em conformidade com a indicação das urnas, terminando então a obra iniciada pelo sr. Cunha Leal.

E' isto o que nos contam com todos os visos de verdade. E' esta assombrosa aliança que nos dizem ter sido firmada em Paris, num opiparo almoço a que assistiu o sr. dr. João Ulrich, governador do Banco Ultramarino.

A Republica está acima de todas as torpezas humanas e de todas as indignidades politicas e financeiras. Se o dinheiro falso do Banco Ultramarino paga todas as traições e todas as infamias, nem de longe sequer macula as vestes alvissimas da Republica.

Podem os politicos da nossa terra estrebuchar no lodaçal imundo dos negocios mais reles, conluar-se com os assaltantes dos colonos nos golpes mais vis, que nem por isso a Republica sofrerá. Se eles enxovalham os seus nomes, se mostram ter em tão pouca conta a sua honra, o povo republicano é que não deixará, nem por sombras, que a Republica perigae, que a vendam por trinta dinheiros á judiaria da fiança, que á custa dela abarrottem os seus cofres com as notas em que se transformaram o suor e o sangue de tanto português das colonias.

A Republica é intangivel. E por mais altos que estejam aqueles que se proponham ultrajá-la, não chegarão lá, arriscando-se antes a que a multidão generosa e sagrada que tanto acima a colocou, obstrua o caminho aos vendilhões, forçando-os a retroceder.

Os «taxis» e a Carris

Consta-nos que a Carris se prepara para uma estranha manobra.

Perante a concorrência que lhe vem fazendo os taxis em beneficio do povo, o sindicato de Santo Amaro pretende adquirir cem taxis Ford a preços mais baixos, para assim aniquilar as cooperativas de chauffeurs que, honradamente, veem trabalhando.

Daqui os prevenimos.

O regime da incomunicabilidade

Um juiz do Supremo Tribunal de Justiça
que pensa como um cabo de esquadra

Assentemos nisto: a incomunicabilidade de presos não é uma precaução, é um castigo. E' a primeira pena imposta, ainda sem pronuncia ou julgamento, contra quem se supõe ser delinquente.

No fóro policial ha só tres sancções: a pancada, a incomunicabilidade e a imposição de cabouço comum. Existia ainda outra, criada pelo cerebro doente de um tarado — o corte do cabelo; mas essa aboliu-a elle, talvez com o justificado receio de lhe fazerem o mesmo ás barbas faraónicas.

A primeira dessas penas é privativa dos guardas boçais e dos agentes venais. O cavalleiro *refila* ou não *cai* com a *pasta* exigida — *come*. (Isto em calão tem um sabor especial e possivelmente não provocará as cominações da famosa lei de imprensa).

O segundo castigo da escala é reservado aos srs. drs., que são bachareis formados, em regra ex-advogados sem causas e que a si proprios se chamam — *magistrados*. Esses *magistrados* — moralistas como o Direito, ou incorruptiveis como o Magalhães, são, apesar de tudo, homens que estudaram vagamente as leis, que deviam ter umas luzes de criminologia e saber, ao menos de ouvido, que existem praxes processuais que lhes cumpria acatar. Não succede, porém, assim.

Para esses senhores existe só o seu arbitrio. O preso não é recomendado por alguma chafarica politica ou rabo de saia de aluquer? — incomunicabilidade. O preso não declara tudo quanto elles querem? — incomunicabilidade! E incomunicabilidade por oito dias, quando não é por meses e meses.

Assim procedem os zelosos *magistrados* da policia, regulos da Parreirinha, bonzos da investigação. Esse regime passou a ser habitual. Já estava nos nossos costumes e ninguém protestava. Vieram os presos da chamada *Legião Vermelha*, algumas dezenas de victimas do odio policial, que, de envolta com alguns miseraveis doentes morais, apodreceram durante semanas nos calabouços desta democracia esplendida e generosa. Houve um repelão de protesto. Em nome da humanidade, do direito, do bom senso, do ideal de democracia, surgiram alguns homens de boa vontade: os camaradas das victimas, os idealistas da Liga dos Direitos do Homem, alguns homens publicos desempoeirados, alguns jurisconsultos livres de preconceitos. Não serviram de nada os protestos. Mas ao menos protestou-se, já que não ha sangue nas nossas veias

para derramar pelo Direito, pela Justiça, pela Liberdade. Beberam-no todo os vampiros que nos arrastaram para uma guerra cujos *camelots* diziam que era feita para que triunfasse a Liberdade, a Justiça e o Direito.

Que o protesto foi inutil verifica-se especialmente agora, a proposito do bando de falsarios e *escrocs* da alta banca, que não souberam fazer com as devidas cautelas as manigancias que os outros todos fazem, cautelosamente.

* * *

Quer se trate de banqueiros-gatunos ou de bombistas, enquanto simplesmente suspeitos dos crimes de que são acusados — o tratamento deve ser sempre o mesmo.

Aceitemos, por comodidade e brevidade de expressão que o poder judicial é independente, integro e incorruptivel. Aceitemos que as leis são boas, feitas com sciencia e consciencia, com o proposito de morigerar, de remediar os males sociais. Aceitemos tudo, para não termos que discutir tudo, condenando irremediavelmente o que para aí fermenta.

Ha um formulário de processo penal que, bom ou mau, é o unico que existe, que novo ou velho — chamam-lhe até novissimo, embora tenha quasi um seculo — é o unico que pode e deve ser acatado. Pois bem, não o cumprir é um delito igual, em essencia, ao daqueles que padecem da não observancia dele, admitindo que sejam delinquentes.

Não ha argumentos que valham contra a natureza delituosa da infracção da lei, quer ella seja substantiva ou adjectiva.

Ha pouco um juiz, juiz do Supremo Tribunal, para se desculpar do crime que conscientemente estava cometendo, prolongando abusivamente a incomunicabilidade de determinados presos, teve esta saída pascádica: «A suprema lei é a Nação, o interesse do país, a honra de Portugal, a salvação do Povo». E completou, como o faria o Cauteleiro Fardado: «*Salus populi suprema lex*» comendo o *est* á frase, que, segundo parece, vinha na Lei das Doze Tabuas e vem tambem no Larousse.

Que sabe esse desembargador, conselheiro Acácio ou lá o que é, da salvação do Povo, da honra de Portugal e de outras bernardices? Deveria saber que a Suprema Lei em Portugal é a Constituição da Republica e que essa concede a instrução contraditoria, mesmo nos corpos de delicto.

Esse magistrado que, sem guardar o decoro inerente à magistratura, vem para as colunas dos jornais, antepondo-se ao Tribunal, classificar este e aquele de criminosos, inocentando necessariamente os outros, ignora que já o alvará de 5 de Março de 1790 fixava que ninguém poderia ser retido em segredo mais de cinco dias? Ignora que o artigo 973.º da Novíssima Reforma Judiciária, ainda em vigor, reduziu esse prazo a 48 horas? Ignora que a Carta de Lei de 3 de Abril de 1896, que reformou os serviços policiaes de Lisboa, prescreve no seu artigo 28.º § 2.º: «A incomunicabilidade dos detidos não pode prolongar-se por mais de 48 horas?» Ignora que o n.º 26.º do artigo 3.º da Constituição da Republica concede o direito da instrução contraditoria desde o inicio do corpo de delicto? Ignora que os presumidos delinquentes podem, logo que são indiciados, requerer exames directos e outras diligencias que se destinam ao apuramento da verdade, como lhes faculta o art. 7.º do Decreto de 14 de Outubro de 1910, publicado numa altura em que o *integerrimo* magistrado não curava tanto da salvação do Povo, pois era o momento de curar da sua propria?

Não o ignora, decerto, nem nenhum caloiro do processo criminal o ignora tambem. Então porque infringe a lei? Pelo mesmo espirito de odio e vingança corrente nos policiaes? Cremos que não.

Sabido que as declarações dos presumidos culpados não fazem fé em parte nenhuma, que em regra só visam a occultar a verdade quando ela lhes é contraria, que interesse ha em manter incomunicaveis essas criaturas? Para as impedir de comunicar com os cúmplices, de mandar destruir provas do crime? Fraca policia, fracos investigadores que fazem depender o apuramento da verdade das declarações dos acusados.

Não deve ser essa a razão, porém. Outra ha e não iremos longe da verdade dizendo que ela visa a evitar que os acusados com as suas confissões desesperadas comprometam os *gros-bonnets* da politica e da finança, seus cúmplices, como no caso recente do Angola e Metropole. Esta é que deve ser a razão da incomunicabilidade de meses infligida a determinados presos.

Haverá decerto «pessoas serias» de «toda a respeitabilidade», que dirão estarmos aqui fazendo a defesa do bando de salteadores que praticou a burla da emissão das notas de 500\$00, ou melhor, da parte do bando que se encontra presa.

Queremos dizer, não a essas «pessoas serias», mas às outras de criterio simplista e espirito facilmente suggestionavel, que temos um profundo visceral desprezo por essa quadrilha toda. Por a compõem criminosos? Não; por ser constituída de banqueiros. E por que todo o banqueiro o consideramos um larapio, entendemos que o lugar deles todos deve ser na prisão,

sequestrados pelo menos ao convívio das pessoas limpas.

O nosso protesto tem um caracter geral ou, se quiserem, um caracter pessoal, egoistico. Ontem estiveram meses incomunicaveis os chamados *legionarios*; hoje estão no os ex-conceituados banqueiros da nossa praça; amanhã estaremos nós se o reclamar a «salvação do Povo», pela boca de qualquer esbirro do Supremo Tribunal ou do Governo Civil.

E' para acautelarmos o nosso direito, que é o de todos os cidadãos, que preguntamos a essa carunchosa Associação dos Advogados se está certo, a esse *independente* Poder Judicial se consente e a esse Parlamento de parlapatões ou videirinhos se sabe da existencia de uma proposta de lel regulando a garantia constitucional do *habeas-corporis* e por que não a aprova.

O PACTO DE PARÍS



Depois do almoço, em pleno boulevard:

— Assim, as coisas ficaram bem combinada e. Com o Leal no governo, e o Afonso e o Antonio Maria na opposição, está o Banco Ultramarino salvo. Somos uns grandes patriotas!

Um homem nefasto á Republica

Perante o movimento reaccionário que ameaça o regime, que faz o governo e o que fazem as oposições?

Se a politica do sr. Antonio Maria da Silva constitue um grave perigo para a Republica e para o país; se esse homem é no governo um elemento de dissolução e corrupção verdadeiramente alarmantes; se o seu espirito mesquinho e a sua curta intelligencia nada podem conseguir de bom e de sério para o regime, para a nação, é dever de todos arrancal-o do poder, inutilizando a sua acção e collocando-o na triste condição de não prejudicar ninguém.

Ora, não é continuando indifferentes como até aqui que os partidos da opposição conseguem libertar o país dos males que actualmente o affligem.

Não basta dizer que o sr. Antonio Maria da Silva é um homem nefasto á Republica, negociando-a em alianças vergonhosas que repugnam á consciencia de todos os homens de bem e fazem estremecer de revolta todos os cidadãos livres. E' necessario escorraçal-o do poder criando á sua volta um ambiente irrespiravel, demonstrando por todas as formas legais ao nosso alcance a torpessa dos seus processos, o ridiculo das suas ligações.

E' preciso gritar em toda a parte e a toda a hora a verdade toda, protestando contra as vergonhas a que nos sujeitam, agitando a opinião publica, organisando comícios, conferencias e manifestações, distribuindo manifestos e folhetos, de modo que esse homem nefasto seja obrigado a fugir do poder, regressando ao consolador anonimato d'onde nunca deveria ter saído.

A Republica está acima de todas as considerações de ordem pessoal a que tenhamos de obediencia. Se somos republicanos de verdade, se temos accorrido mais de uma vez em sua defesa, é obrigação nossa não a deixarmos desamparada neste momento em que um perigo maior a ameaça — o de uma entrega vergonhosa aos inimigos, em troca de condescendencias e favores que enlameiam mais quem os recebe, do que quem os presta.

Os monarchicos já não tem que perder. O velho regime caiu do podre, apodrecendo-os a todos. Podem negociar todas as alianças, enterrar-se em todos os lodaçais, descer os ultimos degraus da venalidade e da corrupção politicas. Estão no ambiente proprio. Mas que não pensem em arrastar consigo a Republica, depois de comprarem e corromperem aqueles que tem por obrigação velar pela sua segurança e intangibilidade.

Consentir nesse crime é colaborar nêle. E não é digno de ser apontado como republicano quem não se revoltar contra essa infamia e não deixar que se castigue como merece.

Sabe, por exemplo, o governo que os organizadores do movimento de 18 de Abril estão tratando de trazer para a rua um outro movimento, desta vez com largas ramificações na provincia, a fim de poderem alcançar o triunfo que não conseguiram da primeira vez. Sabe-o e não se mexe, não congrega os republicanos, não tenta, sequer, obstar ás manobras dos reaccionarios.

Mas sabem-no igualmente os partidos da opposição, que, á semelhança do governo, se calam perante a torva ameaça que pesa sobre todos nós e sobre o regime, em lugar de virem para a praça publica preparar uma defesa, erguer barricadas, criar á volta dessa pretendida ditadura o ambiente indispensavel ao seu aquilamento.

Por isso não compreendemos a pacatissima attitude dos partidos da opposição, assistindo quasi indifferentes ao espectáculo vergonhoso de um governo republicano entregue de corpo e alma nas mãos dos monarchicos e nas daqueles que, pelo seu passado e pelo seu presente, tudo enodoam com o seu contacto e com cuja amisade nem os proprios penitenciaris se sentiriam honrados.

O que quere dizer este silencio? Que significa tanta benevolencia? Que perigosa cumplicidade é esta?

Antonio Maria fascista?

Parece que sim, pelo que se vai saber. Os reaccionarios foram acoitar-se na Cruzada Num'Alvares e nos seus meandros preparam o crime repugnante contra a liberdade, essa parca liberdade que os dominadores *generosamente* concedem aos cidadãos. Agora os reaccionarios, sob a cumplicidade tacita ou passiva do Antonio Maria andam pelo país a alciar, sem que se ocultem para salvar as apparencias, já que a impunidade lhes

assegura o triunfo. Os reaccionarios contam com os elementos vencidos em 18 de Abril e acarinhados pelo regedor-mór destes reinos disfarçados em republica, contam com os chefes derrotados e foragidos Sinel de Cordes, Cabeçadas, Filomeno, de cumplicidade com Bernardo de Faria, Roçadas e varios comandantes militares. Prepare-se o povo para suportar uma tirania homicida se não preferir dar a todos os aventureiros, de uma vez para sempre, a mais formidavel tarefa que a Historia do nosso país possa registrar.

UMA CAMPANHA SUSPEITA

Contra a política e o parlamentarismo

O objectivo da campanha. Estado sem parlamento é o absolutismo. Republica sem parlamento não é Republica. Porque os nossos parlamentares são como são. Os males e os remedios. O recenceamento eleitoral que vigora é uma burla autentica. Renovemos os nossos costumes políticos se queremos um parlamento que se prestigie.

Os mesmos intuitos ultra-reaccionarios que presidem e orientam a campanha que se vem fazendo contra a politica e os partidos politicos, determinam o combate simultaneo ao parlamentarismo. Com essa campanha pretende-se tão sómente criar entre a massa popular o odio a essa instituição e convencê-la de que ha toda a conveniencia, para felicidade do povo, em suprimir o Parlamento como uma das causas do seu mal estar consequente da má administração do país.

Mas por que organismo melhor, mais adequado aos interesses do povo, pretendem, esses anti-parlamentaristas suspeitos, substituir aquelle órgão do Estado democrata? Por coisa alguma. Não o substituem; suprimem-no, simplesmente. Mas o que é um governo sem Parlamento? E' o regime absoluto, é a ditadura clara e franca.

Contra este anti-parlamentarismo reaccionario ha que protestar com vigor e sem perda de tempo.

Só inimigos da Republica podem participar de uma tal campanha, pois Republica sem Parlamento não se comprehende, é inadmissivel. São monarchicos e ultra-reaccionarios quem tem o Parlamento como uma instituição inutil e prejudicial que ao povo convém suprimir, querendo assim fazer-nos regressar ás odiosas epochas que o progresso das ideias modernas consagrou de ha muito sepultar fazendo com que as monarchias deixassem de ser absolutas e se convertessem em constitucionais e parlamentares. Congido pela influencia das ideias democratas, o regime monarchico adoptou o sistema parlamentar para se aproximar do regime republicano. Os monarchicos, convencidos já da impossibilidade de reimplantar entre nós o seu regime, querem agora que a Republica suprima o sistema parlamentar para se aproximar do regime monarchico absoluto!!

E o que é triste, profundamente lamentavel e revoltante é que são os proprios parlamentares que se dizem republicanos, que já vão executando ou ensaiando esse tenebroso reaccionarissimo plano, abdicando das suas funções e permitindo que se vibrem as primeiras machadadas

demolidoras na instituição de que fazem parte. Com effeito, o que é essa tendencia em tolerar que os governos, com a prévia autorização das camaras, ratificada com o voto de confiança, possam depois prescindir delas e legislar por meio de decretos com a assinatura dos ministros

“CORRO A SALVAR-TE!”



Ela — Então sempre voltas para Portugal?

Ele — Tenho que lá ir salvar o Banco Ultramarino

Ela — E já não tens medo?

Ele — Não vês que agora vou disfarçado em «social democrata».

e do Presidente da Republica, senão o primeiro esboço de ditadura?

Que nos digam que o Parlamento da Republica — ressaltando as camaras constituintes — não tem correspondido ao que dele havia a esperar, — ouvimos com mágua mas não temos muita coragem para protestar. Que nos digam que a maioria dos individuos que se têm sentado nas cadeiras parlamentares não se têm mostrado á altura da sua missão, nem conscientes das suas responsabilidades, aceitamos como uma verdade. Que se diga que as camaras têm sido ocupadas por muitos mentecaptos ambiciosos que fazem da sua cadeira parlamentar trampolim para o salto a um chorudo lugar na lauta mesa do Estado ou agencia de negocios particulares convimos. Que se nos diga que os parlamentos não se têm interessado pelas magnas questões de interesse nacional e, em compensação, têm sido ferteis em espectaculos dissolventes e em escandalos de baixa politica, não negaremos. Mas uma pergunta todas essas acusações nos sugerem: de quem é a culpa dos parlamentos serem assim?

Se aceitamos como exacto que os povos tem os governos que merecem, teremos de admitir tambem que os parlamentos são o reflexo da educação civica dum povo e a consequencia dos processos politicos adoptados num país. Assim, temos que todos os defeitos que encontramos no nosso Parlamento são producto do analfabetismo nacional, da desorganização mental dos que se dizem letrados, e sobretudo dos processos politicos por nós usados, do desinteresse do povo pela politica naquele sentido elevado que já tivemos occasião de definir aqui (*).

A politica na nossa terra não se faz em torno de ideias, de principios mas em volta de interesses. Não procura resolver as questões nacionais mas trata apenas de adiar a sua solução.

Não é o interesse nacional que agrupa os individuos mas a perspectiva, a promessa de um emprego de continuo em qualquer repartição ou de uma concessão, um privilegio, uma cadeira de deputado ou uma pasta de ministro. E ministro para quê? Para servir o país? Para pôr à prova a eficacia dos seus planos, o valor das suas opiniões? Não; para servir-se e aos seus amigos, porque os partidos não tem planos, nem programas, nem opiniões, nem principios, mas tão só interesses e compromissos a satisfazer; e daí as combinações que entre os partidos, ora se fazem, ora se desfazem. E porque não tem ideias, nem programas, nem principios, os partidos não produzem na massa social correntes vigorosas de pensamento e de acção, sem as quais não ha politica no significado elevado e amplo da palavra.

Os parlamentares, porque não ha essas correntes populares de pensamento e acção que os façam surgir, nascem dos conciliabulos daqueles partidos; e, em virtude da forma de recensear os eleitores pode-se dispor com facilidade, por intermedio dos caciques, de tantos deputados e senadores para este, tantos para aquele, tantos para aquel'outro partido.

Feitos por este processo, como pretender que os parlamentos sejam entre nós coisa diversa do que tem sido? Feitos pelos mesmos processos da monarchia, como não hão-de os parlamentos da Republica ser á imagem e semelhança dos parlamentos do antigo regime?

* * *

Não. Não ha que atacar o Parlamento instituição, como não ha que combater a politica na acepção ampla, elevada e verdadeira do termo. O que ha a fazer para que o Parlamento corresponda á sua função é renovar os nossos costumes politicos, é dar idealismo aos partidos e criar em torno dos seus programas as correntes de opinião popular indispensaveis para que eles tenham de verdade força eleitoral propria. Consideramos urgente que, para fortalecer, prestigiar, tornar util o Parlamento, se estudem, se alvitrem e se discutam os meios a isso conducentes.

Uma maior amplidão do direito do voto; a concessão do direito de votar á mulher; a representação por classes, regiões ou grupos ideologicos que representem de facto correntes de ideias entre a massa social, ou interesses legitimos e defensaveis; o «referendu» popular; a revogação do mandato aos representantes que deixem de merecer a confiança do povo; a substituição do actual recenseamento que é uma autentica burla, tudo, enfim, quanto se suponha poder promover uma melhor selecção de parlamentares, garantir que o voto seja a expressão legitima e livre da vontade popular, são questões em que a nos, republicanos, cumpre com efeito atentar. Que, porem se pretenda suprimir essa instituição que representa uma das mais belas conquistas da democracia, nem sequer para ser posto á discussão admitimos, porque ainda quando nos convencessemos da impossibilidade de melhorar os nossos parlamentos, preferiamos-os como são a nenhum.

No pior, sempre haverá quem torne publica a corrupção dos governos e clame a sua revolta contra os caprichos dos dominadores.

Acabar com o Parlamento seria cairmos na ditadura, isto é no governo absoluto dum partido ou duma casta.

O regime parlamentar com todos os defeitos que possa ter é, dentro do regime es a ista, o mais favoravel á liberdade e á moralidade colectiva.

(*) Vide n.º 2 de «A Choldra», artigo *Uma campanha suspeita contra a Politica e o Parlamentarismo*

POR BEM...

DA VIDA MENTAL

O Sindicato da Critica

Existem em Portugal algumas pessoas que exercem nobremente a função critica. São muito poucas todavia. A maioria dos nossos criticos teatraes, por exemplo, é constituída por uns cavalheiros de vida folgada, que gostam de teatro. E como sabe muito bem ao portuguezinho divertir-se e não pagar, andam esses senhores pelas redacções, mendigando os bilhetes privativos dos jornais e fazendo, por desfastio, a noticia dos espectaculos. Já isso dos bilhetes privativos da imprensa, os «cativos» como se diz na gíria teatral, é uma altíssima pouca vergonha. As empresas teatraes procuram por esse meio propiciar os jornais, que por sua vez silenciam sobre muita enormidade praticada, em atenção á gentileza da oferta dos bilhetes, que se distribuem pelos amigos e amigas e que até ás vezes se vendem. Compreendia-se o convite aos criticos, mas só a estes, se entre nós, se realizassem os ensaios geraes destinádos á critica, na vespera da primeira representação. O donativo dum bom lugar pago chega porém a ser afrontoso.

Além das pessoas que gostam de teatro de graça arregimentam entre os criticos uns cavalheiros que têm uma traduçãozinha a impingir um determinado teatro, uma derrota de camarim a vingar uma determinada actriz. Esses são os especialistas da facada.

Ha necessariamente as excepções dignas, uma meia duzia de pessoas limpas, que sabem do officio e exercem a critica com isenção e nobreza. A essas só ha a render homenagens, por saberem manter-se ao de cima na onda de vasa, que escorre dos bastidores para as redacções e refil e alastra, inexoravelmente.

E' essa meia duzia de homens-de-bom-vontade que pensa em constituir o sindicato da Critica, para deparar, para morigerar, para ensinar.

E' estranhavel que um organismo semelhante não exista já. Os criticos teatraes são chamados a eleger delegados com caracter official. Estão publicados diplomas que fazendo essa exigencia, lhes reconhecem implicitamente personalidade juridica; contudo nenhuma colectividade ha onde se congreguem os criticos.

Consideramos indispensavel que se crie esse Grémio e parece que vai criar-se. Não só para eleger delegados, mas para exercer tambem a função orientadora e didactica que á critica cabe.

A defesa dos chamados direitos da critica é já tarefa árdua, numa terra em que as vaidades balófas de dramaturgos e cómicos explodem na questão pessoal, sempre que se fecha o registo das louvaminhas. Essa defesa, todavia não basta, como objectivo unico.

Ao Sindicato da Critica cumpre exercer uma fiscalização moral sobre a industria artistica. Não deve consentir que o publico que procura na arte cultura, ou simplesmente receio espiritual, seja ludibriado com as fantasmagorias dos reclamos. Cumpre-lhe ainda evitar as coacções e corrupções que os industriais da arte teatral exercem sobre os industriais do jornalismo, para não succeder que a peça que o critico considera inferior, ou mal interpretada numa pagina, seja na outra reclamada como maravilhosa, surpreendente e genial, a tantos escudos a linha.

Para que acabe a constelação de estrelas, que o são graças ás suas condescendencias com os empregatarios e as pessoas influentes nas caixas; para que acabem as companhias constituídas por um artista ou casal de artistas, rodeados dum rancho de «peles-vermelhas»; para que acabe o vexame dos bilhetes «cativos»; para que acabe a semcerimonia dos dramaturgos e tradu-

tores analfabetos e dos compositores gatunos; para que a arte seja distribuída ao povo, religiosamente, numa comunhão de beleza; para que os palcos deixem de ser montras de alcouças—urge que se constitua o Sindicato da Critica, e que reuna e delibere e actue a ver se isto da arte e do espirito não se afunda na mesma montanha de fezes onde se debate a politica e... o resto.

Os paineis do Infante

Esta querela dos paineis, bisantina ou não, dá margem para largos estudos psicologicos.

Os promenores arqueologicos da data, do autor e sobretudo da identidade de determinada figura dos famosos tripticos interessam secundariamente ás pessoas de espirito desempoeirado. Que importam essas minudencias ante a admiravel obra de arte, que num dos seus postigos, os dos frades de Alcobaca, é verdadeiramente genial? Quem ha que com a mão na consciencia, decline o nome do autor da Vitoria de Samotracia, por exemplo? E todavia ninguem deixa de considerar esse marmore decapitado uma maravilha. O nome do artista, a data da composição e até a ideia originaria dela que significam para uma obra, cuja realização se reconhece ser perfeita, considerada no tempo e mesmo fóra da relatividade dele?

Essa demanda de arqueologos, revelou-nos porem, coisas curiosas sobre a mentalidade dos chamados intellectuais. Aqui não ha, como em toda a parte, as cautelosas hipoteses, as duvidas naturais em assunto tão vago, a confissão da insuficiencia dos juizes ante a fragilidade dos documentos—ha simplesmente os partidos. Uns são pelo Infante D. Fernando, outros por S. Vicente. Porquê? Porque sim. Porque é preciso extrumar os campos...

Tenha razão quem a tiver, que isso interessa pouco ao mundo e à arte, uma cousa é preciso frizar—o dogmatismo de certa facção, fóra da qual parece não haver nem mentalidade, nem cultura, nem nada. E' a dos homens que se batem por S. Vicente. A' frente o sr. dr. José de Figueiredo e a fazer-lhe cõrte os intellectuais da Seara Nova.

Para o sr. dr. Figueiredo as pessoas que não se submetem ao seu *magister dixit* não tem espirito critico, ignoram os rudimentos da historia da arte, além de possuírem outros defeitos. Ora é licito perguntar:—o insignificante sr. dr. José de Figueiredo de alguns anos atrás, de antes de descobrir o filão da desprezada historia da arte, que não tinha cultores em Portugal, onde foi adquirir o seu infalivel espirito critico e os mesmos conhecimentos de historiografia artistica, onde as bebeu ele? Decerto que nos livros, onde toda a gente os pode ir beber tambem.

Para negar autoridade aos outros, cumpre documentar a própria, para que o feitico se não volte contra o feiticeiro.

Os paineis representam uma homenagem ao Infante Santo ou a S. Vicente?

Apresentemos hipoteses, mas não vale pretender impor dogmas. Discutam os arqueologos as probabilidades pró e contra, mas não quebrem lanças por uma ou outra, pois no campo das artes, como no das sciencias, não é inteligente pretender pronunciar a ultima palavra.

As tapeçarias de Pastrana, especialmente, a que os descobridores das primeiras não examinaram, trazem elementos novos para o estudo da questão?

Vamos fazer esse estudo; mas serenamente, com

elevação, com ponderado espírito científico e sem chamar burros aos outros, para não lhes darmos o direito de o chamarem a nós.

Os pintores de ar-livre

Que é Portugal um país pinturesco não ha negá-lo Costa extensa, serras alterosas, planície vasta, vergeis e pomares, vinhedos dionisíacos e pinhais dolentes—ha de tudo neste vago rectangulo da Peninsula. Dahi a pintura ser acentuadamente paisagística, com seus pormenores da vida rural, mas exterior, feita ao sul, ao ar-livre.

A exuberancia meridional não se compadece com os interiores ensimesmados, com a paisagem psicologica das gentes, com o frio decorativo e academico da pintura historica ou das chamadas «naturezas-mortas». E', portanto, na paisagem que os pintores portugueses tocam a perfeição. Demonstraram-no bem as exposições successivas dos artistas do «Grupo Ar-Livre», que, com o mestre pintor Carlos Reis á frente, exhibiram os seus trabalhos do ano, na Galeria Bobone. Falcão Trigoso, Alves Cardoso e por ultimo João Reis foram dos que melhores quadros apresentaram. Todos os expositores, porém, poderiam concorrer sem pejo a um «Salão de Paisagem»—que não seria mau tentar—na certeza de que se os seus trabalhos não eram daqueles que se convencionou chamar de museu, eram dignas e honestas manifestações de arte, das poucas que nos foi dado apreciar nesta quadra e ao lado das quais collocamos as dos aguarelistas que expuzeram.

O teatro de S. Carlos

Tem-se falado bastante dessa annunciada adjudicação do teatro de S. Carlos ao empresario do Coliseu. Porquê? Já se rosna em interesses feridos. O puro culto da arte, decerto, não fará só mover as vestais da critica. Esperemos. Aguardemos o que vai fazer o empresario do Coliseu. Se pretende estabelecer em S. Carlos uma sucursal do circo e em especial do *ring* de todas as selvajarias do *box* e da luta, terá que ouvir. Talvez a criatura tenha, porém, tenha lá as suas idéias de proporcionar ao publico algumas sensações de beleza e não temos o direito de fazer juízos prematuros. Esperemos. E se de facto S. Carlos vai passar a ser um armazem de pacotilha, o bufarinheiro não perderá com a demora

Araujo Pereira

Araujo Pereira teve ha dias a sua festa de homenagem no Apolo. Mereceu-a e merece muito mais. A esse mestre de teatro, a quem muitos dos nossos «vedetas» davem quasi toda a sua cultura artistica, cumpria dar publico testemunho de gratidão e respeito. A homenagem, ainda que merecida, ficou todavia áquem do prestigio do preiteado. Porque não se congregam os discipulos de Araujo Pereira para realizar um grande festival em sua honra? Não nos referimos a quantos sob a sua douta direcção fizeram essa bela tentativa do «Teatro Livre», mas aos outros, aos que andam pelos diversos palcos a ganhar gloria e dinheiro com o saber que o mestre lhes proporcionou. A esses compete organizar uma homenagem que seja condigna, competindo aos artistas da vanguarda apoiá-la, pois Araujo Pereira, pelo espirito culto, livre e moço—pertence-lhes.

A opinião insta por que a Republica intensifique a sua acção de justiça e de assistencia desvelada a todas as profissões. moralizando a economia nacional, a começar pelo Estado.

Do discurso do sr. dr. Bernardino Machado no Porto.

PREVENIMOS...

Políticos, instrumentos de ambiciosos financeiros

Ha sete anos, estando no governo o malogrado Antonio Granjo e tendo o distrito como governador civil o violento sr. Lelo Portela; na vida da Republica surgiu o movimento de 19 d'Outubro. Foi ele precedido de uma acção dissolvente feita quasi ás claras através a imprensa e pelos centros políticos, prégando-se a doutrina da *limpeza*.

Essa doutrina e essa propaganda arrastaram desvairados criminosos á noite tragica que enodoou para sempre a revolução grandiosa de idealismo, de fé republicana e de pureza de intenções do povo civil e militar que do alto da Rotunda e espalhado pela Baixa, sem um tiro, sem uma violencia, sem uma vingança, saíra de um dia de incertezas vitorioso e esperançado.

Quem prégava a limpeza? Quem enodoava? o honrado Granjo? Quem, em frases violentas de discursos de comicio ou em artigos injuriosos de jornal, criou essa atmosfera?

Recordam-no todos: os srs. Alfredo da Silva e Cunha Leal.

Não inventamos, constatamos factos.

O que foram os discursos do *Apolo* ou da R. de S. João da Praça?

A que visavam determinados artigos da *Imprensa da Manhã*, surgidos no jornal com surpresa dos redactores que nele trabalhavam?

Que Cunha Leal dentro do Partido Popular e a *Imprensa da Manhã* não mediam nem calculavam as fatais consequencias das suas atitudes? Aceitamo-lo. Mas o que é indubitavel é o ter todo esse tenebroso periodo politico da nossa terra sido marcado, empurrado, manejado pela intelligente mas temerosa mão do amigo da Alemanha, gerente da *C. U. F.* — Alfredo da Silva.

Esse homem que tudo fez para o surgir da revolta, não contou, como não podia contar, com a justiça do Povo; e este, que lutou por ideal, que se revoltou em busca de uma maior justiça, castigou-o, quasi o matando.

Alfredo da Silva, desde então, vive em Espanha onde, com capitais espanhóis, alemães e jesuitas, exerce a sua singular actividade, a sua inegavel e poderosa intelligencia de industrial, fundando bancos e criando industrias com as quais pretende sufocar as nacionais á força de concorrência e estranhos manejos, dos quais, como em 1919, são instrumentos em Portugal, consciente ou inconscientemente, pelo menos, dois políticos dos mais destacantes da nossa terra!

Esses manejos, essas intrigas, essa luta tremenda que não poupa a honra alheia como não poupará vidas, ameaçam conduzir-nos a nova catastrophe, mas agora conduzida e canalizada através outros órgãos e novos caminhos.

O que, antes do 19 d'Outubro, era rubro, radical e republicano, é hoje branco, conservador e quasi monarquico!

As manobras dessa estranha figura de homem deverá ter a sua clara revelação em breve. Daqui prevenimos os republicanos sinceros. E, se nessa hora, um brado de indignação, um vômito de nausea profunda se não fizerem sentir de norte a sul do país, então... teremos que descer do Povo, do seu idealismo e da sua fé...

REVISTA... da Semana

Por BATISTA DINIZ

CARTAZ

TEATRO DA POLITICA

HOJE

HOJE

Mais uma representação
com a desopilante
revista

O PAIZ É MEU!...

4.º Quadro

Casa de orates...

Em casa da *D. Demagogia*, tipo de matrona réles e sanguinária. Ao subir o pano, a illustre amfitriã discute acaloradamente com a criada *Não te rales*.

DEMAGOGIA

Já lhe disse que aqui quem manda sou eu! Ora a atrevida!

NÃO TE RALES

(*Moderada*) Mas minha senhora...

DEMAGOGIA

(*Em furia*) Cale-se sua...

NÃO TE RALES

Sua quê?

DEMAGOGIA

Sua ordinaria! (*Toque de campainha*) Vá ver quem bate!

NÃO TE RALES

Sim, minha senhora. (*Vai á porta*).

DEMAGOGIA

(*Com interesse*) Será o meu homem?

NÃO TE RALES

(*Voltando*) E' um sujeito pequenino e de pêra...

DEMAGOGIA

Homem pequenino... Mande-o entrar imediatamente! E' ele!

(*A criada introduz o visitante*;

ANTONIO MARIA

(*Caindo nos braços da dona da casa*) Meu amor Com que anciedade esperava esta entrevista!...

DEMAGOGIA

(*Terna*) E eu, meu querido Antonio Maria! Quando ha tempos te vi, exclamei logo: Este é que é o meu homem!...

NÃO TE RALES

(*Aparte*) Mas que grande desafôro!

ANTONIO MARIA

E'sta pequena é tua filha?

DEMAGOGIA

Não! E'sta é filha da Purificação das Dores, minha criada de quarto...

NÃO TE RALES

Quere que me retire, minha senhora?

DEMAGOGIA

Não, menina! Fique! E tome nota: Este é o meu homem!

NÃO TE FALES

E o patrão?

DEMAGOGIA

Esse abandonou-me! Está ha nove anos em Paris e durante esse tempo só me visitou trez vezes... (*Novo toque de campainha*)

ANTONIO MARIA

(*Inquieto*) Quem será?

NÃO TE RALES

Eu vou ver! (*Voltando*) São os crédores que querem falar á senhora!

DEMAGOGIA

Diga que não estou! (*Grande algazarra fora*)

NÃO TE RALES

(*Depois de ter ido novamente á porta*) Dizem que não saem daqui sem a senhora lhes pagar.

(*Os credores invadem a casa*)

CORO DE CREDORES

(*Musica da Maria da Fonte*)

Eia ávante, camaradas,
Eia ávante e não temer,
Que é costume desta gaja
Ficar-nos sempre a dever (*bis*)

A CHOLDRA

ANTONIO MARIA (*declamando*)

Fale um por cada vez para eu os entender.

CREDOR CARVOEIRO

Yess! (*Canta ao som dum chifarote*)

Mim haver adeantada
Carvão (*gesto de dinheiro*) lá d'Inglaterra,
P'ra você gastar na guerra...
Sem ter recebido nada.

Yess, Yess
Good by

DEMAGOGIA (*declamando*)

(*A' modista*) E a senhora?

CRÉDORA MODISTA (*cantando*)

Je suis une couturière
Tres gentille, tres jolie
Qui vient chercher le monaie
Pour porter pour l'etranger.

ANTONIO MARIA

(*Declamando*) Está bem! acabe lá com o franciú
que eu estou disposto a pagar tudo... (*Aparte*) Valha-me
a Regie!...

CORO DOS CREDORES

(*Como acima*)

Eia ávante, etc. (*Saíem*)

DEMAGOGIA

(*Rancorosa*) Se pudesse deportar estes... (*Novo to-
que de campanha*)

NÃO TE RALES

(*Voltando da porta*) É um homem, tipo de matias,
que quere falar ao grandissimo estadista...

ANTONIO MARIA

(*Exultando*) Mande-o entrar!

REPORTER Z

Ainda bem que encontro V. Ex.^a Queria entrevista-
ta-lo ácerca da revolução...

ANTONIO MARIA

Qual delas?

RÉPORTER Z

A que está para sair! Quere ve-la?

ANTONIO MARIA

Pois que entre, que eu a esmagareil (*Entra uma hi-
dra de sete cabeças que se encaminha para Antonio
Maria. Tiros, bombas, e todos os demais pertences
destes espectaculos*)

DEMAGOGIA

(*Assustada*) Vai-te embora Antonio... Olha que podes
ser victima! (*A' oriada*) Chame depressa um homem de
gabão e grande bigode que está lá em baixo junto ao
automovel.

O sindicato das carnes

Constituiu-se agora com os tres magos: Marques da Costa, Guilherme Canas, e Matos, da Caixa Geral dos Depositos. Seus fins: especular a enormes lucros com a alimentação principal do povo. E' a guerra ao consumidor, a provocação metodicamente organizada à exaltação publica. E a bandeira de guerra vai ser desfraldada: a escassez da carne para provocar a alta constante, uma alta que deixe o povo muito em baixo e ponha muito alto os especuladores. E porque rasão se não põe o povo ao alto, metendo na ordem estes balxos especuladores?

O plano do sindicato é optimo para o Marques da Costa & Seita: vender gado ao mesmo preço que se paga no Matadouro para determinar a importação do gado argentino. Seria a fortuna de Marques da Costa, que, tão pobre, já teve 300 contos para adquirir uma quinta em Sacavem.

O magnate já encontra resistencia. Varios marchantes já reclamam a entrega livre de gado no Matadouro ou por intermedio do seu sindicato. Mas o gado á se conserva vivo no Matadouro mais de dois dias sem se alimentar, visto que o cheiro do suague de tal os inibe.

Ha mais: ainda se não fez arrematação dos ferros, ruções, amarras e madeiras trazidas pelos barcos que transportaram o gado argentino até Lisboa. Para estes é que a Republica tem sido alvorada risonha, uma felicidade roubada ao povo que a ela tem direito.

A Verdade é inseparavel da bondade, a mais legitima das soberanias, o verdadeiro brazão, superior a todos os brazões hierarquicos; a bondade, sem a qual nada pode haver de belo e de util; a bondade sem a qual não ha tolerancia nem moral; a bondade, sem a qual o mundo se converteria no arido deserto do egoismo humano, apenas destacado pelo lugubre aforismo dos representantes da Igreja: Cada um para si e todos para Deus! A bondade está destinada: a assinalar definitivamente o triunfo moral da humanidade. Ser bom é ser justo. Ser justo é tocar a perfeição.

Magalhães Lima.

OSORIO

(*Entrando*) Não é necessario! Já aqui estou!

ANTONIO MARIA

(*Palido e aparentando coragem*) O' Osorio prepara as pistolas e vamos embora...

OSORIO

Ainda bem que V. Ex.^a não trouxe casaca!... (*Apronando as pistolas*) Para casa, sr. presidente?

ANTONIO MARIA

(*Desfalecendo*) Para o hospital de Santa Marta...

MUTAÇÃO

O Banco Ultramarino

rouba o Estado, arruina as Colonias e vigariza a Nação

Comprometeu-se o Banco, por uma aventura confiada na dissolução política, a funcionar com elevação e firmeza na Metrópole, na Africa, na Asia, na Oceania, no Brazil, nos Estados Unidos, em Londres, em Paris. Seria o dianteiro do crédito português no mundo. Que desatino o dele e o do Estado!

O Banco atirara-se já em 1913 para o pior dos caminhos: arrastando as praças de Portugal para as especulações aventureiras, quando era dever seu contrariá-las se aparecessem. Fez a emissão e a jogatina das acções da Companhia Nacional. Fez as das suas próprias, e de outras ainda. Ludibriou os *gogos* em milhões de libras. Fez também a sua inflação de notas; sem base nenhuma de reservas, nem sequer de bilhetes do outro combalido banco emissor. Fez a dos créditos, sem medida, em Portugal, no Brazil, nas colónias. Entregou os dinheiros aos sindicatos amigos, aos exploradores, aos novos ricos, a empresas podres ou insolventes. Que perdas colossais! Não eram apenas pelos desastres dos câmbios. Ainda o eram mais pelos empréstimos, descontos e negócios mal feitos, e pelas grandes immobilizações em fundos sem valor consistente. Os prejuizos foram esmagadores no Brazil: muitos milhares de contos de lá, segundo se disse. Foram também consideráveis em Portugal. Foram de certo a mais de £ 2.000.000 na Africa portuguesa, com os dos titulos de Angola e os outros ainda maiores das contas particulares.

No fim que temos? O seu capital e reservas de £ 670.000, ao câmbio actual, por si mesmos dariam já ao Banco uma posição de ridicula ou tragica desconformidade com a missão assumida. Ainda por cima desapareceram. São excedidos pelos rombos de muito mais de £ 1.500.000, que ainda existem no desequilíbrio oculto do balanço. Ao mesmo tempo as suas responsabilidades, em contra-partida do activo deficiente, vão além de £ 8.000.000. São de mais de £ 5.000.000 só pelos depósitos e pela circulação fiduciaria. O Banco não tem forças para as entrefer, quanto mais para ser o órgão financeiro do nosso destino historico! Só para se aguentar a si mesmo de pé, faltam-lhe mais de £ 2.000.000. Vê-se perdido por dois lados. São os prejuizos reais, que deixam grande vácuo. São as immobilizações enormes em titulos fracos ou nulos e em dividas arrastadas, que dão praticamente o mesmo resultado. É a insolvença, que vem de longe e que afunda o nosso império.

Para iludir a situação, para escondê-la dos acionistas e do público, o Banco usou dos expedientes das casas que não confessam a falência. Os seus balancetes parciais na Metrópole e nas colónias são confusos, artificiosos, esfíngicos. Os seus balanços gerais, no fim de cada gerência, obedecem ainda mais ao mesmo sistema. Estão lá no fundo ilusionista as *contas em suspense*: demorando a manifestação de apuramentos penosos. Estão lá dentro, sem ninguém ver, por centenas e centenas de milhares de libras, mediante ordens telegráficas da sêde, as metamorfoses dos créditos comuns dela sobre as dependências em verbas esterlinas para avolumar o monte falso destas em frente das responsabilidades em ouro. Está, mesmo á flor do activo e do passivo declarados, a contabilização de todos os valores de moedas estrangeiras e coloniais em escudos da Metrópole ao par, sem nenhuma explicação: para ser

impossível conhecer, através dos iguais dominós metropolitanos, as várias efigies europeias, africanas, asiáticas, oceánicas e americanas que entraram na ficção. A vista penetrante apenas pode chegar. até certo ponto, á verdade, no exame terrível dos *fundos fluctuantes*. Pouco mais além se pode ir no resto pelos cálculos, pacientes e pelas informações também difíceis e incompletas. A maior parte do mal fica no segrêdo, que não impede a má fama.

Para sair dos apertos extremos de certos momentos periódicos, o Banco assaltava o Estado com pedidos de grandes auxilios directos ou indirectos, que lhe grangeassem escudos peninsulares ou libras esterlinas: conseguindo sempre muito dos governos. O Banco, para isso, não se valia apenas das altas influencias e das perfurações hábeis. Valia-se de duas eternas invocações. Uma era a de que, sendo instituto emissor, não podia falir: principio á sombra do qual se lançou irreprimido na má administração; o principio que de nenhum modo se pode aceitar. Outra é a de que ele é grande crédor do Estado, e de que, se este lhe pagasse as dividas, ele ficaria livre. Mistificação igual a tantas mais! A nação, pelas provincias de Africa e do Oriente, deve decerto menos de Lb. 1.000.000 ao Banco. Este, pela circulação fiduciaria e pelos depositos dos Tesouros ultramarinos deve á nação talvez cerca de Lb. 1.800.000. O Banco está perdido.

Para salvar-se, o Banco entrou nas abominações. Foi a Moçambique e emitiu Lb. 870.000 de notas esterlinas sem reserva metalica: falsas! Com elas colheu centenas de milhares de libras em ouro e bilhetes sul-africanos, por trocas: até feitas desumanamente ao par, nos câmbios com os pobres indigenas repatriados. Desvalorizou, por sistema, aquele seu papel fiduciario, que já hoje nem pode ser cotado por Lb. 200.000 no total: pois já se vende a 10 %. Depois de ter assim arrancado somas de vulto á economia de Moçambique, talando-a como numa invasão, pretende consolidar as espoliações. O Estado que o deixe substituir as supostas Lb. 870.000 em circulação por uns supostos 80.000 a 100.000 contos de Moçambique, estampados novamente: falsos também!

Só isto? Não: o Banco foi a Angola e fez o contrário para o mesmo fim. Valorizou o escudo de Angola pela recolha de notas, com a mesma paralização de transferencias e descontos. Multiplicou assim por 2, desde outubro de 1924 a dezembro de 1925, o valor intrinseco dos seus créditos sobre o Estado e sobre os particulares. Eles vinham respectivamente de Lb. 540.000 e de Lb. 400.000 para Lb. 1.150.000 e Lb. 850.000. Ao mesmo passo, o Banco depreciava os bens e mercadorias dos colonos, pela falta de numerario para as transacções. Os prejuizos totais para eles, compreendidos os indirectos, seriam talvez de perto de Lb. 1.000.000. E o Banco deseja igualmente que o Estado lhe permita a consolidação de toda essa obra dolosa: até mediante a conversão dos escudos de Angola em moeda de ouro, pelo menos em contos com o Estado!

Ainda tudo isto seria pouco para tais circunstâncias de insolvência. O Banco desde longe faz diligencias intensas para obter do Estado as maiores somas possíveis com estabilidade. Consiga-as o Estado lá fora para lhas fornecer a ele! Entregue-lhas por qualquer

título: mesmo a pretexto de ser êle o distribuidor de auxilios ás colonias; mas preferivelmente pelo pagamento de débitos flutuantes em Moçambique e de obrigações de Angola, que apenas são amortizáveis em 25 anos, a contar desde 1935. Já se contentaria com Lb. 1.000.000, segundo parece: mas queria muito mais. Pois se Lb. 2.000.000 que fôsse, apenas bastariam para êle próprio se aguentar no balanço das ondas, se os acontecimentos o permitissem!

Se fôsse possível o Banco salvar-se, por quão pouco tempo o seria! Ausencia de crédito por todo êsse nosso ultramar, devastações, ruínas de mais de Lb. 2.000.000 nessa Africa portuguesa, abandonos sem fim, desesperos acumulados nos trópicos perigosos, angústias das familias, invasões de falsários, pandemónios e quasi orgias de emissões, valorizações, depreciações e conversões fiduciarias, inconsciencias, injustiças, desumanidades, expansão das maledicências e cubiças alheias — tudo isso teria as suas consequências fatais. O que não haveria por lá, no continente negro! O que não haveria por cá, na Europa! Como resistiria ao temporal desastroso o Banco, autor maior da crise ou da catastrofe?

O Banco, infinitamente inferior á potencia financeira que seria mister para base de um império, está condenado por essa mesma incapacidade, pela sua vida e pela sua situação. O govêrno do Estado tem ja de conservar-se frio diante dessa perdição inevitável. E' preciso, é forçoso que êle o deixe entregue a si próprio sem lhe tocar nos contractos, nem lhe dar nenhuns auxilios. Para tudo o que daí resulte, em mal da nação, haverá decisivos remedios. Só os não haveria contra o aniquillamento da nossa obra colonial, se não sustássemos já a acção das forças que para isso conspiram. São os dominios portugueses, especialmente os da Africa, e não o Banco: são êles que devem concentrar os nossos esforços de salvação. Temos de ir para aí com todos os sacrificios e providências que a hereditariedade, a honra e o destino impõem a Portugal. Temos de fazer isso inteiramente fora do Banco fallido.

QUIRINO DE JESUS

Da «Seara Nova», n.º 73.

As glorias da CHOLDRA

Escrevem-nos:

«Um ano mais se passou após a derrocada estrondosa da Traulitania—obra formidável de meia duzia de bravos que entre si contavam homens de grande envergadura moral, como o dr. José Domingues dos Santos. Assim se abatera o jugo criminoso de Solari Alegro e do seu famulo «Rufino do Açúcar». E foi a *choldra* arrancada ás prisões que veio, nesse glorioso 13 de Fevereiro, repondo a Republica na cidade do Porto, poupar generosamente, mas sem proveito, os seus ferozes inimigos.

A data não podia ser esquecida por essa *choldra* de uma só fé republicana, que, com o seu sofrimento e a sua coragem, soube vencer um bando tragico. Desastroso foi que a *choldra* não levasse ao fim o cumprimento das suas aspirações—e só pela falta desse cumprimento se deixou derrubar um governo que era acerrimo defensor dos oprimidos, que o dr. José Domingues dos Santos chefiava a desprazer do burguês que o apodava de *bolchevista*. Necessario é que as esquerdas republicanas restabeçam a Republica para compensação dos sacrificios que ela tem custado.—Um da *choldra*.

A acção do Sr. Norton de Matos poz em risco a soberania portuguesa no enclave de Cabinda

No eloquente discurso pronunciado pelo illustre deputado sr. Carlos de Vasconcelos, encontra-se esta revelação; «Sei, por exemplo, de uma concessão feita, com mil e tantos hectares, pelo sr. Norton de Matos a uma companhia situada no enclave de Cabinda.»

E' a Companhia de Cabinda a favorecida. Mas ha ainda uma outra, a Fomento Geral de Angola, que foi favorecida pelo mesmo general Norton de Matos com terrenos que ainda hoje estão incultos, apenas semeados de taboletas e marcas com as iniciais F. G. A.. Esta companhia recebeu uma concessão superior a 500.000 hectares de terrenos.

Outras companhias se formaram, sob a protecção do alto commissario. Foram as companhias Quanza, Norte, Amboim e a Sociedade Agrícola de Ganda; todas elas receberam centenas de milhares de hectares de terrenos do Estado, enquanto se recusam a colonos dois ou tres hectares, só porque não possuem acções do Banco Ultramarino. Mas o general Norton de Matos é dos maiores accionistas das companhias que favorece. O Banco Ultramarino tambem é dos maiores accionistas de grandes companhias de Angola.

Norton de Matos deita a perder o enclave de Cabinda, cujos naturais são os mais civilizados da nossa colonia, tendo costumes europeus e falando a nossa lingua.

Em 1921, ano em que Norton voltou para Angola, então como Alto Commissario, feito senhor de um imperio, tornou a alegria da população de Cabinda em verdadeiro terror do dominio brutal do Fomento Geral de Angola.

Em 1922, o enclave possuia aproximadamente 95 casas comerciais, mas atualmente o comercio foge, restando apenas seis ou sete casas. E' o fim do fim! A ameaça feita à nossa soberania!

Até 1921, o enclave rendia apenas 100 contos que chegavam para pagar todos os encargos e enviar ainda dinheio para Loanda. Pois com a nova organização de Norton de Matos, o enclave passou a render 1.400 contos, que não chegam para pagar ao funcionalismo!...

Após a retirada de Norton de Matos assumiu o governo da provincia o distinto colonial sr. Tavares de Carvalho, que sensatamente mandou averiguar dos motivos que levam os naturais de Cabinda a emigrarem para o Congo Belga.

Soube-se das extorções feitas pelo Alto Commissario ao comercio por meio de decretos violentos, contra o proprio direito constitucional.

“A CHOLDRA”

O acolhimento que *Choldra* tem tido na Provincia desvanece-nos. As assinaturas são inumeras e as cartas saudando o nosso aparecimento e llicitando-nos são já algumas centenas.

A *Choldra* a todos agradece afirmando que manterá integra a linha de conduta marcada no seu artigo de apresentação.

Não mudaremos, nem nos venderemos.

Poderemos morrer, mas não faltaremos ás promessas nem à confiança que em nós depositam aqueles que nos leem.

Pequenos, embora, somos do de *antes quebrar do que forcer*.

Temos recebido varia colaboração não solicitada. Destacamos a enviada pelo velho republicano Magalhães Ferraz. Agradecemos-lhe pelo que toda ella representa de carinho para connosco. Não as publicamos pela simples razão de que, em obediencia a uma firme orientação tomada, só publicamos colaboração solicitada. Tudo o que nos enviarem será aproveitado mas só como boa e util informação.

Pedimos aos nossos assinantes o favor de tomarem as providencias necessarias para que o nosso colaborador não encontre difficuldades na sua missão.

Basta prevenir em casa e deixar o dinheiro...

O republicanismo dos “colossos”



João Trabalha para a Grande Imprensa
Ó filha, tira lá esse barrete. O carnaval já acabou.

O dinheiro do Povo

é gasto com uma multidão de «bufos» às ordens do Ministerio do Interior

Como no tempo de Sidonio Pais, como nas epochas de maior perseguição à liberdade, como nos periodos de maior corrupção do poder; Portugal está invadido por delatores, por «bufos», por corrompidos, por gafados morais que o encham de norte a sul e se emiscuem em nossas casas, nas colectividades, nas conspirações, e buscam e farejam tado, desde a nossa vida particular ao nosso mais pequeno e menos significativo gesto politico!

Toda esta multidão trabalha, age e denuncia ás ordens do actual chefe do governo!

Toda esta gente come á custa do Povo e suas liberdades ajudam a corcear!

Ha agentes pagos desde vinte a oitenta escudos diarios!

Estão em Santarem, em Coimbra, em Torres, em Faro, por toda a parte!

Que se acautelem os republicanos porque estamos pior do que no tempo de Sidonio Pais.

Esse, ao menos, lutava ás claras e sabiamos onde estava e para onde ia.

Este, o pequenino *Silva*, baila, saracoteia-se, sorri-se, coça a péra, passeia no Rocio trocando do Povo, brinca o Carnaval, baila nos bailaricos do segundo andar da Chave d'Ouro, vai ao Monumental, gasta dinheiro, ri-se dos *esfarrapadinhos*, intriga, marombeia e lança a Republica, que enporcalha, para os braços da Reacção.

Contra o outro, disparou-se uma pistola.

Contra este, chegará uma batata!

Quem a atira!? ...

Papel impresso

Recebemos e agradecemos:

Educação Social, revista mensal de pedagogia e sociologia, director, prof. Adolfo Lima. O n.º 2, 3.º ano, referente a fevereiro, é colaborada pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguezas.

Raio de Sol, semanario illustrado de propaganda protestante. Vai no n.º 2 do 2º ano. Publica-se no Porto.

O cortejo dos herois desconhecidos. Um episodio das Cronicas de Portugal, por Eduardo Moreira.

Renovação — Revista quinzenal de arte, litteratura e actualidades graficas, propriedade da C. G. T. e editada pela secção de livreria de *A Batalha*. N.º 16.

O Segredo do Banco Falsario — Folheto que anuncia revelações sensacionais sobre o caso das notas falsas. Os seus anonicos autores revelam muita fantasia e grande sentido de oportunidade.

No mundo desportivo

O negocio da bola...

Os jogadores estrangeiros em Lisboa

Diziamos nós, na nossa ultima cronica, que venderiamos ao publico desportivo uma criatura que defende falsamente o apostolado do «Desporto».

E no cumprimento da missãa que nos impusemos, começamos a escrever quando de novo um assunto diferente e de maior importancia chegou ao nosso conhecimento.

Não acreditando no que nos diziam, percorremos rapidamente os *mentideros* desportivos e tivemos occasião de verificar que efectivamente alguma coisa havia, não tanto como nos tinham noticiado.

O leitor que segue o movimento desportivo da capital, saberá decerto que esteve ultimamente em Lisboa um grupo hungaro de foot-ball.

Nada mais natural desde o momento que o foot-ball tomou tão grande incremento, dirá o nosso leitor ingenuo.

Divaguemos um pouco...

Depois da guerra foi a Hungria a nação que com maior intensidade conheceu os horrores da fome e do *chômage*.

Como ultimamente esses males se agravaram, a mocidade hungara, para não succumbir, recorreu a um meio um tanto ou quanto engenhoso.

Formaram grupos desportivos os mais necessitados e partiram para fora do país em *tournée*...

O grupo que ha pouco esteve entre nós, já a epoca passada nos tinha visitado e deixado ficar tres ou quatro dos seus *equipérs*.

Este ano voltou de novo e a scena repete-se...

Na ilha da Madeira, segundo as nossas informações, ficou um jogador hungaro.

Em Lisboa devem ficar talvez dois...

Pelo menos do avançado centro, que de facto é um bom jogador, já até se segreda qual é o clube que o engajou.

Quando para a cidade do Porto começaram a ir jogadores estrangeiros os *ingenuos* que escrevem as secções desportivas de varios jornais verberaram o facto.

Como efectivamente da vinda desses jogadores alguns beneficios se tiraram, pelos ensinamentos colhidos, a campanha tomou outro rumo e terminou.

Não é a circumstancia de um jogador estrangeiro ingressar em qualquer dos nossos clubes que nos leva a apontar o facto.

Que nos importa a nós que um clube tenha o seu «onze» constituído por jogadores nacionais ou estrangeiros?

O que nos causa aborrecimento é os jogadores desses clubes não verem o negocio que se trama à sua sombra.

Dizem-nos que o jogador hungaro ficará no Sporting se lhe arranjam trabalho...

Talvez fique mesmo sem lhe arranjam emprego, o que já não era novidade.

Ha anos, quando o grupo casapiano se apresentou e levou de vencida todos os grupos adversarios, o Sporting não viu com bons olhos tais vitorias.

Disputava-se a taça Associação, se não estamos em erro.

O Casa Pia classificava-se em primeiro lugar juntamente com o Sporting.

Nessa occasião estava em Lisboa um bom jogador sevilhano, Spencer.

O que fez o clube do Campo Grande?

Alinhou no encontro decisivo com esse jogador,

dizendo que ele já residia ha meses em Lisboa, o que se provou não ser verdade.

Feito esse frete, Spencer voltou novamente para Sevilha, onde se encontra.

Casos como o que acima apontamos não são unicos. infelizmente.

Será para reforçar o seu grupo que o avançado hungaro fica em Lisboa?

Não temos duvida alguma sobre tal coisa.

Esta epoca o Sporting tem fracassado.

Remodelando a sua linha de avançados talvez consiga o seu intento, a 1.^a classificação.

E como o foot-ball já se não pratica como desporto, não seria o *treinador* do Sporting, que tambem é hungaro, o engajador desses jogadores?

Veremos e então falaremos.

O roubo praticado pelo falso desportista Antonio Veloso, nas receitas da União Portuguesa de Foot-Ball parece que vai ser entregue à policia...

As informações que até nós chegaram garantiam que efectivamente os dirigentes desse organismo, constatando que até à data, apesar dos instantes pedidos, não tinha dado entrada nos seus cofres o dinheiro desviado... e não havendo forma de o reaver, tinham resolvido liquidar o assunto participando à policia o facto.

Quando se tinha acertado nessa resolução, foi sugerido por um dos presentes que era melhor convocar um congresso extraordinario para apreciação do roubo e então, caso os delegados concordassem, se tomava tão energica como salutar medida.

Essa opinião foi logo perfilhada e resolvido convocar o congresso o mais rapidamente possivel.

Veremos se efectivamente é agora que este tão falado assunto é resolvido, ou ainda é alvitrada outra solução.

Numa entrevista concedida a uma revista desportiva, a *Foot-Sport*, o Veloso, apesar de confessar que efectivamente tinha roubado dinheiro que estava à sua guarda, accusava os seus colegas de não quererem acelar-lhe uma letra... para liquidação do dinheiro que faltava.

Já é preciso ter descaramento.

«ANIBAL TORRES».

STUART CARVALHAIS

Encontra-se na casa de saude do Telhal, em cura de repouso e tratamento de uma antiga enfermidade, o illustre artista e nosso querido amigo Stuart Carvalhais. Caricaturista e ilustrador, boemio impenitente, cheio de verve e temperamento de revoltado, Stuart é, sem contestação, um dos nossos mais notaveis lapis. Fazendo votos pelo seu pronto e completo restabelecimento, é-nos grato aproveitar este ensejo para prestar esta ligeira homenagem ao seu talento.

OS SARGENTOS

O sr. Silva, o Silvinha, continua perseguindo republicanos. Deportou uns, prendeu outros e persegue muitos.

O alvo da sua maior sanha é agora a classe dos sargentos. Coube agora a vez ao velho republicano, uma das mais sacrificadas victimas do dezembrismo—o sargento Murta, do forte da Ameixoeira.

Sem qualquer especie de consideração pelo seu passado, sem qualquer rasão justificativa, o sargento Murta teve ordem de transferencia imediata para um dos fortes da provincia.

Nem tempo teve para se despedir da familia!